

(transcrição)

Roma, 2 de março de 1977

A Eucaristia

Chiara Lubich para a Rádio Vaticana

Uma mistura de refinada doçura e pacata tristeza, uma atmosfera de solenidade invade a alma ao recordar o que aconteceu naquela quinta-feira há vinte séculos.

Deus se fez homem. Podia realizar qualquer coisa, mas estava na lógica do amor que Ele, tendo partido da Trindade e se encarna na vida terrena, não permanecesse só por 33 anos – ainda que com uma vida divinamente extraordinária –, mas encontrasse um modo para permanecer por todos os séculos, e ficar presente em todos os pontos da Terra e no momento culminante do seu amor: sacrifício e glória, morte e ressurreição. E isso aconteceu. Então pela sua criatividade divina inventou a Eucaristia. É o seu amor que chega ao extremo.

Diria Teresa di Lisieux: "Oh Jesus, deixa-me dizer, no excesso da minha gratidão, deixa-me dizer que o teu amor chega à loucura...".

São Lucas descreve aquela tarde: "Quando chegou a hora - Jesus – tomou lugar à mesa e os apóstolos com ele, e disse: 'Desejei ardentemente comer esta Páscoa convosco, antes da minha paixão, pois vos digo: não a comerei enquanto ela não se cumprir no reino de Deus' (...). Tomou em seguida o pão e depois de ter dado graças, partiu-o e deu-lho, dizendo: 'Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim'. Do mesmo modo tomou também o cálice, depois de cear, dizendo: 'Este cálice é a Nova Aliança em meu sangue, que é derramado por vós'... ." (Lc 22,14-20)

Se Jesus não fosse Deus, eu não sei explicar como conseguiu expor em poucas palavras solenes realidades tão novas, tão imprevisíveis, tão abissais, que nos extasiam, porque diante delas, se entendidas bem, o ser humano desfalece.

Jesus, estás ali e só tu sabes tudo, és consciente que o teu gesto conclui séculos de expectativa; olhas para as infinitas consequências do que estás fazendo para realizar o projeto divino, previsto desde sempre pela Trindade, a Igreja. Mesmo iniciando aqui na Terra, penetra nos abismos futuros do Reino. Se tu - repito – não fosses Deus, como terias conseguido falar e agir assim?

Mas o teu coração deixou transparecer algo daquilo que sentiu naquele momento: "Desejei ardentemente...", há uma imensa felicidade, "antes da minha paixão" e há um abraço de júbilo com a cruz e a aliança de um com a outra, porque o que estavas para fazer era o teu testamento e um testamento só vale após a morte. Tu nos deixavas uma herança incalculável: tu mesmo.

A Eucaristia – como diz Tomás de Aquino – é o maior milagre de Jesus Cristo, de fato, diz São Pedro Julião Eymard, "supera todos os outros pelo seu objeto; domina todos pela sua duração. É a encarnação permanente, é o sacrifício perpétuo de Jesus, é a sarça ardente, que queimando continuamente no altar; é o maná, verdadeiro pão de vida, que desce todos os dias do céu."

E o Concílio Vaticano II afirma que "a santíssima Eucaristia contém todo o bem espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo, nossa Páscoa e pão vivo, que, mediante a sua carne vivificada pelo Espírito Santo e vivificante, dá vida aos homens."

Jesus celebra a sua Páscoa como um banquete. Em cada família a hora da ceia é aquela da maior intimidade, da fraternidade, muitas vezes da amizade e da festa. O banquete, que Jesus preside, é celebrado como a Páscoa dos judeus e enquanto tal encerra em síntese toda a história do povo de Israel.

Como um pai de família, Jesus nos seus gestos e na "oração de bênção" repete o rito judaico, mas neste banquete existe uma vertiginosa diferença e novidade em relação à Páscoa hebraica. A ceia de Jesus é celebrada no contexto da sua paixão e morte, e na Eucaristia, Ele antecipa, simbólica e realmente, o seu sacrifício de redenção. Ele é o sacerdote e a vítima.

O Papa Paulo VI se exprimiu assim na Quinta-feira Santa de 1966: "(...) Não podemos nos esquecer de que a Ceia (...) era um rito comemorativo; era o convite pascal, que devia se repetir todo ano para transmitir às gerações futuras a recordação incancelável da libertação do povo hebraico da escravidão do Egito (...). Jesus, naquela noite, substitui o Antigo com o Novo Testamento: 'Este é o meu sangue – ele dirá – da Nova Aliança (...)' (Mt 26,28); à antiga Páscoa histórica e figurativa Ele une e faz suceder a sua Páscoa, também ela histórica, definitiva, mas figurativa em relação a outro último evento, a parusia final (...)."

As palavras de Jesus: "Eu vos digo: de hoje em diante não beberei deste fruto da videira, até o dia em que, convosco, beberei o vinho novo no Reino do meu Pai" (Mt 26, 29), que foram traduzidas pelo famoso exegeta Benoit, como um 'encontro marcado no paraíso', dão à Eucaristia o caráter de um banquete que terá a sua plena realização após a nossa ressurreição.

A Eucaristia é desde já o sacramento de comunhão com Cristo pascal, com Cristo morto e ressuscitado, que passou – Páscoa = passagem – para uma nova fase da sua existência, aquela gloriosa à direita do Pai. Comungar Jesus na Eucaristia significa participar já aqui na Terra da sua vida gloriosa, da sua comunhão com o Pai.

São João tem um modo próprio de falar de Jesus Eucaristia. Ele narra que Jesus mesmo se apresenta como "pão de vida" e esclarece de que modo: "(...) O pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo (...)" (Jo 6,51b).

Jesus já se vê como pão. É esse o motivo último da sua vida na Terra: ser pão para ser comido, e ser comido para nos comunicar a vida já neste mundo. Mas o que é a vida? Jesus disse: "Eu sou a vida" (Jo 11,25; 14,6). Este pão nos nutre dele já na Terra.

E Jesus diz ainda: "Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia" (Jo 6,54). A Eucaristia dá também a vida em vista do outro mundo.

Mas o que é a ressurreição? Jesus disse: "Eu sou a ressurreição" (Jo 11,25). É Ele que começa em nós a sua vida imortal, aquela que não termina com a morte. Embora o corpo seja corruptível, a vida, Cristo, permanece na alma e no corpo como princípio de imortalidade.

O mistério da ressurreição é grande para quem raciocina com critérios humanos. Mas existe um modo de viver, onde o mistério torna-se menos incompreensível. Atuando com todo o empenho possível o mandamento novo de Jesus, se faz a experiência de que o amor recíproco conduz a uma unidade fraterna entre os homens que supera o próprio amor humano, natural. Este resultado, esta conquista, é efeito da atuação do mandamento de Jesus. Ele sabia que, correspondendo aos seus imensos dons, passávamos a ser amigos e não mais servos seus, somos irmãos seus e irmãos entre nós, porque nutridos pela sua mesma vida, isto é, somos "consanguíneos e concorpóreos com ele", como diz São Cirilo de Jerusalém.

Construída esta família do Reino dos Céus, como se pode pensar numa morte que suprima a obra de um Deus com todas as consequências dolorosas que isso comporta? Não: Deus não podia colocar-nos diante de uma absurda separação. Ele tinha que nos dar uma resposta e ele o fez, revelando-nos a verdade da ressurreição da carne. Ela é uma consequência lógica da vivência cristã; é portadora da alegria imensa de saber que um dia nos reencontraremos com aquele Jesus que nos uniu assim.

Para destacar o grande efeito que este pão misterioso produz: a comunhão com Cristo e entre nós, gostaria de recordar o que São Paulo escreveu na sua primeira carta aos Coríntios: "O cálice da bênção, que abençoamos, não é comunhão com o sangue de Cristo? E o pão que partimos não é comunhão com o corpo de Cristo? Porque há um só pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, pois todos participamos desse único pão." (1 Co 10,16-17).

"Um corpo só!"

João Crisóstomo comenta: "(...) Nós somos esse mesmo corpo. Afinal, o que é o pão? Corpo de Cristo. E o que se tornam aqueles que comungam? Corpo de Cristo: não muitos corpos, mas um só corpo.

De fato, assim como o pão, feito de muitos grãos, é tão unido que os grãos não se veem mais (...), assim nós estamos estreitamente unidos entre nós e com Cristo."

Jesus, tu tens um grande desígnio para nós e o estás cumprindo ao longo dos séculos: que sejamos uma coisa só contigo, para que estejamos onde estás. Para ti, que desceste da Trindade à Terra, era vontade do Pai voltar para lá; porém. Não quiseste voltar sozinho, mas conosco. Por isso vemos o longo trajeto: da Trindade à Trindade, passando pelos mistérios de vida e de morte, de dor e de glória.

Ainda bem que a Eucaristia é uma "ação de graças". Só com ela podemos ser gratos a Ti, adequadamente.